



## O PROCESSO DE APRENDIZAGEM - MEDIAÇÃO E ESTILO DE ENSINO: UMA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA

Ana Paula da Silva Bandeira<sup>1</sup>  
Eviny Sandiny Ulisses Correia<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o conceito de mediação e aprendizagem criado inicialmente por Vygotsky e discutido durante anos por muitos teóricos e pesquisadores como Piaget (1999), Ivic (2010) e Henry Pieron (1912), que, ao mesmo tempo em que discordavam do conceito vygotskyano, também concordavam que a aprendizagem e o conhecimento eram importantes um para com o outro, pois ambos estavam interligados e juntos davam um avanço à maturidade e à atuação do professor. Este trabalho *a priori* teve como motivação o novo cenário no qual o mundo se encontra devido à pandemia que paralelamente afetou a educação e propiciou mudanças pedagógicas com a inserção das tecnologias como ferramentas mediadoras da aprendizagem, ressignificando o uso das tecnologias da comunicação entre docentes e discentes.

**Palavras-chave:** Processo de aprendizagem, Mediação, Tecnologias digitais, Vygotsky.

### INTRODUÇÃO

A abordagem sociointeracionista vygotskyana compreende aprendizagem como a interação do homem com o outro, e a mediação como interação entre o homem e o mundo, um agindo sobre o outro e transformando-o. Dito isso, este artigo busca analisar a concepção de mediação e aprendizagem abordada por Vygotsky e discutida por teóricos e pesquisadores como Piaget, Ivic e Henry Pieron, ressaltando a importância desse estudo para o novo cenário da educação causado pela pandemia da Covid-19.

Para Vygotsky, a aprendizagem é uma experiência social mediada pela interação do homem com a sociedade, que consiste em um intercâmbio de experiências cognitivas, afetivas e/ou comportamentais. É por meio dessa interação que ocorre o desenvolvimento. Nessa perspectiva o aprendizado dá-se interiormente a partir da relação com o externo.

Uma aprendizagem significativa inter-relaciona o que já é aprendido e o que está por se aprender, ou seja, aquilo que o sujeito já sabe, seu conhecimento real, e aquilo que o sujeito possui potencialidade para aprender, seu conhecimento potencial. Vygotsky

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português Literatura pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Crato-CE  
[annahsilvaa@gmail.com](mailto:annahsilvaa@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Letras Português Literatura pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Crato-CE  
[evinysandiny@gmail.com](mailto:evinysandiny@gmail.com)



ressalta que (1984, p. 97) “A Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadureceram, mas que estão, presentemente, em estado embrionário”.

Dessa forma, o papel do professor é mediar esse processo de maturação, de desenvolvimento intelectual. Contudo, esse processo de mediação, principalmente no ensino básico, esteve vinculado a aulas presenciais, dentro dos muros da escola. Jamais na história da educação no Brasil o professor de educação básica deparou-se com uma proposta de ensino em que não tivesse um contato direto com seus alunos.

Com o cenário de pandemia ocasionado pela Covid-19, foram necessárias alterações no ensino, que, por sua vez, tornou-se remoto. Essas mudanças fizeram os professores reinventarem-se, questionarem suas metodologias e, inclusive, adotar a tecnologia como uma ferramenta de ensino. Essa nova realidade pôs em conflito crenças de alguns profissionais da educação que possuem/possuíam aversão ao ensino on-line.

Alicerçada no sociointeracionismo de Vygotsky e na pedagogia de Libâneo, esta pesquisa busca retratar questões que permeiam o processo de aprendizagem e o ensino na era digital, ressaltando a importância de o ensino acompanhar as mudanças sociais, com intuito de fornecer conhecimentos que possam fazer sentido e ser usados no convívio social, afinal é educação que nos garante a cidadania e a luta pelo direito à igualdade.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi desenvolvida em caráter qualitativo-bibliográfico, que busca refletir acerca do processo de aprendizagem e desenvolvimento humano em relação a mediação e aprendizado, tendo como base as orientações sociointeracionistas. No decorrer do trabalho, buscaremos analisar as contribuições de Vygotsky na área da educação, assim como o conceito de mediação que leva à expectativa de uma relação de reciprocidade entre o indivíduo e as possibilidades do aprender.

O trabalho divide-se em três momentos; a princípio, abordamos a “*Mediação e aprendizagem*” e suas contribuições para o desenvolvimento do indivíduo através dos conceitos e estudos de Vygotsky em relação ao aprendizado-desenvolvimento, partindo do pressuposto de que o sujeito é um “ser social” que atua dentro de um contexto coletivo e não sozinho. Segundo Pino Sirgado (2000, p. 65, 121 apud, Diaz, p. 230): “Nós nos



tornamos nós mesmos através dos outros” “[...] eu sou uma relação social de mim comigo mesmo”. Posteriormente, discorreremos sobre “*Aprendizagem e o Estilo do educador*”, onde tratamos o perfil do professor e as mudanças ocorridas na educação. Em seguida, tratamos a “*Mediação e o ensino com as tecnologias*”, expondo a necessidade de adaptarmos o ensino não apenas devido à pandemia, mas principalmente porque estamos diante de uma nova geração que já nasce teclando.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Mediação Social e Aprendizagem

Segundo Vygotsky (1998a, p. 115 apud Diaz, p. 220): “[...], o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através dos quais as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam”. Partindo do pressuposto de mediação como troca de experiências entre quem ensina e quem aprende, Vygotsky e seus seguidores explicam que mediação implica em ajudar, o que por sua vez implica em um esforço por parte de quem media como também do mediado, que terá de aproveitar as oportunidades. Sendo assim, a mediação vygotskyana parte de uma colaboração consciente entre ambas as partes.

Para termos uma compreensão maior da mediação, precisamos nos deter a alguns detalhes como a referência pedagógica que nos fala da postura do professor como “facilitador, guia ou orientador”. Facilitar é criar condições para que a criança aprenda e construa seu aprendizado sem que lhe seja dito como. Por outro lado, guiar é levar o aluno a metas, é ter um esquema de ações já planejadas. Orientar e ajudar no desempenho do aluno antes e durante seu aprendizado, mostrando seus acertos e orientando nos erros. Podemos então notar que há uma diferença entre ambos; o último, porém, tende a oferecer mais alternativas para atuação, não deixando o aluno livre para aprender só, mas oferecendo ajuda necessária para que possa aprender e assim construir seu aprendizado, como afirma Matta:

A noção de mediação se completa ao compreender-se o conceito de zona proximal. Existem conhecimentos que podem ser desenvolvidos pelo próprio indivíduo, por ele mesmo; outros necessitam da presença de alguém ou de um grupo que, de alguma



forma, facilite a assimilação do novo (2006, p. 72 apud Diaz, p. 221).

A mediação vygotskyana foi aceita e utilizada por muitos especialistas e educadores por se enquadrar nesse processo, na interação social para o aprendizado humano, citado por Sobral (apud Diaz, p. 221). Assim como Vygotsky, citado por Ivic, diz [...] é pela mediação dos outros, pela mediação do adulto, que a criança se incumbe de atividades. Absolutamente tudo no comportamento da criança está incorporado e enraizado em relações sociais (DANIEL et al., 2003. P 29 apud Diaz, p. 221).

A criança, no momento do nascimento, não passa de um candidato à humanidade, mas não pode alcançá-la no isolamento: deve aprender a ser um homem na relação com outros homens [...] (BOCK, 2002, p. 171 apud Diaz, p, 221). Piaget agrega sua defesa da maturidade com as influências sociais do educador e da mediação, ressaltando a importância do professor [...] deixar os alunos totalmente livres para trabalhar ou brincar segundo o que melhor lhes aprouver [...], permitindo através da experiência social a obtenção do conhecimento, que não necessariamente está somente nos livros didáticos. Isso não torna o educador como dispensável, e sim assegura o aluno como protagonista de seu próprio aprendizado.

Quando Vygotsky elaborou seu conceito de mediação social, só pensou na atividade intermediária que um sujeito pode realizar para que outro aprenda melhor. Afinal o sujeito é um ser social que não atua sozinho, e sim num contexto coletivo. Assim, a autoaprendizagem destacada pelo próprio Vygotsky não perde o sentido social, já que o conhecimento e saberes aplicados em si mesmo e por si mesmo foram inicialmente obtidos pelo saber de outra pessoa. A experiência individual resulta da experiência de outros, ou seja, essa automediação resulta da mediação social. No sentido amplo, a mediação dos outros no sujeito expresso por Vygotsky é importante, pois aponta a necessidade de que a criança desde cedo seja estimulada a apropriar-se dos saberes.

Pensando nessa “prática social”, o professor deve estar ciente de que não basta tratar somente de conteúdos atuais em sala de aula, mas também resgatar conhecimentos mais amplos e históricos para que os alunos possam interpretar suas experiências e suas aprendizagens na vida social como afirma Kramer (1989), para que essa função se efetive na prática:



[...] o trabalho pedagógico precisa se orientar por uma visão das crianças como seres sociais, indivíduos que vivem em sociedade, cidadãs e cidadãos. Isso exige que levemos em consideração suas diferentes características, não só em termos de histórias de vida ou de região geográfica, mas também de classe social, etnia e sexo. Reconhecer as crianças como seres sociais que são implica em não ignorar as diferenças (KRAMER, 1989, p. 19).

É nesse sentido exatamente que devemos levar as experiências sociais guardadas de cada aluno e seu contexto social, de modo a desenvolver a partir daí um ambiente escolar acolhedor em que o aluno se sinta parte do todo e totalmente aberto a novas aprendizagens. Podemos então notar a importância da visão social na aprendizagem da criança. É através da problematização desse “social” que o conhecimento começa a ser construído individualmente e socializado através da mediação do professor.

A aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho. ” (LIBÂNEO, 1994, p. 87).

Dessa forma, não podemos mais deixar de ter inquietações com o domínio de conhecimentos formais para a participação crítica na sociedade, considera-se também que é indispensável uma adequação pedagógica às características de um aluno que pensa, de um professor que sabe e de conteúdos com valor social e formativo. O ensino tem, portanto, segundo Libâneo (1994), como missão principal garantir o processo de transmissão e assimilação dos conteúdos do saber escolar e, através desse processo, o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos de maneira que o professor planeje, dirija e comande o processo de ensino, tendo em vista estimular e suscitar a atividade própria dos alunos para a aprendizagem.

Basicamente é o que nos coloca Fontana e Cruz (1997, p. 110) ao afirmarem que “deixa-se de esperar das crianças a postura de ouvinte valorizando-se sua ação e sua expressão. Possibilitar à criança situações em que ela possa agir e ouvi-la expressar suas elaborações passam a ser princípios básicos da atuação do professor”. Deveras, a criança precisa ser ouvida para que através de suas palavras e da problematização feita a partir



delas ocorra uma aprendizagem ativa e crítica. Por sua vez, o professor deve provocar e instigar os alunos a pensarem criticamente e a se posicionarem como sujeitos de sua própria aprendizagem.

### **Aprendizagem e o Estilo do educador**

O professor precisa de estratégias e táticas para as práticas pedagógicas, como também uma preparação adequada, que traria uma melhor qualidade à mediação em sala, aumentando a potencialidade de aprendizado dos alunos. A preparação pedagógica abre novas portas, pois não nascemos prontos, mas podemos nos aperfeiçoar para uma melhor qualidade de ensino, produtividade e cumprimento das funções de ensinar a aprender. Segundo Libâneo, “[...] tanto a instrução como o ensino se modificam em decorrência da sua necessária ligação com o desenvolvimento da sociedade e com as condições reais em que ocorre o trabalho docente” (Libâneo, 2013, p.53). Dito isso, podemos afirmar que ensino mantém vínculo com a contemporaneidade e, portanto, devemos acompanhar as mudanças do mundo; mas então por que o ensino ainda se mantém majoritariamente alicerçado no ensino tradicional?

A escola de hoje é fruto da era industrial que visava a preparação das pessoas para o mercado de trabalho, crescimento da indústria e a manutenção das classes dominantes. Consequentemente, isso influenciou na educação, que durante muitos anos teve como base a tendência pedagógica tradicional, que era centrada no professor como detentor do conhecimento e os alunos como ouvintes passivos dispostos a decorar o conteúdo sem lidar mentalmente com ele, ou resignificá-lo (LIBÂNEO, 2013, p.67).

Com as mudanças socioeconômicas, socioculturais e tecnológicas, as exigências do mercado de trabalho têm sido alteradas, assim como a educação com o surgimento dos ideais das tendências progressistas, que têm como centro o aluno. Isso propiciou novas discussões no tocante às práticas pedagógicas que têm como objetivo a preparação dos alunos para tornarem-se cidadãos ativos e críticos.

Esse ensino leva em consideração fatores internos e externos, ou seja, as características individuais de professores e alunos no dia a dia em sala de aula, suas personalidades, o que por sua vez influencia no ensino e aprendizado, afetando assim o planejamento e métodos empregados na atividade de ensinar e o estilo de cada um de



aprender. Essa integração e individualidade determina o sucesso ou fracasso do objetivo que é o aprendizado dos alunos.

Existem outras variáveis do professor que ajudam na aprendizagem do aluno como seu estilo cognitivo, sua experiência pessoal e profissional. O estilo cognitivo se refere à forma como o mediador discorre sobre as problemáticas que surgem na sala de aula de diferentes maneiras, assim sua alta complexidade cognitiva facilita a interpretação de tais situações e a capacidade de resolução. Dessa mesma forma, quando se fala de uma maior experiência pessoal que o faz assumir posições antes, durante e depois das aulas, assim como suas experiências profissionais que enriquecem sua mediação.

As atitudes dos professores com os alunos, bem como as expectativas que ele provoca como educador, podem causar a aceitação ou negação dos alunos e, portanto, influenciam na aprendizagem do aluno tanto positivamente como negativamente. Nessa perspectiva, é importante entender a heterogeneidade da classe, as diferenças sociais, o status socioeconômico, interesses e, inclusive, a comunidade a que eles pertencem.

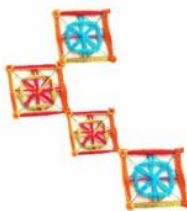
Portanto esses fatores devem ser refletidos em todo o planejamento didático visando uma melhor interação entre conteúdo e aluno, pois além de proporcionar uma mediação direcionada à necessidade e interesse da turma, ainda permite um elo entre professor e aluno, um aprendendo com o outro, rompendo, assim, a crença e a tensão do professor como figura que detém o conhecimento, mas ressaltando os educandos como indivíduos que possuem diversos tipos e níveis de conhecimento advindos da interação social, com os meios de comunicação informática, televisão, revistas, livros, jogos, vídeos etc. Cabe ao professor mediar um ensino que privilegie esses conhecimentos espontâneos do educando.

## **Mediação e o Ensino com Tecnologias digitais**

Durante muito tempo o ensino foi compreendido apenas dentro do espaço escolar com uso de quadro, pincéis, folhas. Contudo, muitos estudos já apontavam a tecnologia da informação como ferramenta didática aliada no processo de aprendizado, essa discussão foi fomentada pela ProInfor<sup>3</sup>, que aborda inserção de aparelhos tecnológicos no

---

<sup>3</sup> Programa Nacional de Tecnologia Educacional é um programa educacional criado pela Portaria nº 522/MEC, de 9 de abril de 1997, para promover o uso pedagógico de Tecnologias de Informática e Comunicações (TICs) na rede pública de ensino fundamental e médio.



espaço escolar. Porém é insuficiente computadorizar escolas e proporcionar tablets aos alunos se os professores não souberem como ensinar com a tecnologia. Isso requer repensar valores, crenças, práticas pedagógicas, planejamento e inclusive a preparação curricular desses profissionais (SOUSA et al., 2011, p. 20-21). Esse, entre outros problemas de infraestrutura escolar, proporcionou o engavetamento do projetor ou à não execução adequada dele.

O cenário atual mundial ocasionado pela pandemia da Covid-19 fez emergir a discussão das tecnologias da informação e comunicação no âmbito educacional e, conseqüentemente, a necessidade de mudanças nos métodos pedagógicos. Assim, aquela velha crença de tecnologia e das redes sociais destinadas apenas ao lazer foram refutadas e repensadas como ferramentas didáticas. Segundo Fantin (2007, p. 4): “é possível educar integrando mídia e educação [...] fazer educação usando todos os meios tecnológicos disponíveis: computador, internet, celular, fotografia, cinema vídeo, livro, CD, DVD”.

É sabido que a tecnologia da informação e comunicação faz parte da sociedade, mas quando se trata de integrar ao ensino ela ganha um outro formato, outro propósito; foi o que ocorreu com e-mails, chats, vídeoconferências e plataformas como PowerPoint, Word. Esses e outros recursos tornaram-se mediadores do processo de aprendizado. Não estamos afirmando que sejam suficientemente capazes de prover o ensino, mas a apropriação e o direcionamento desses meios pelo professor podem contribuir para o ingresso de crianças, jovens e adultos nessa nova era digital, na qual crianças já nascem teclando.

A escola, para fazer cumprir sua responsabilidade social de educar e formar os novos cidadãos precisa contar com professores que estejam dispostos a captar, a entender e a utilizar as novas linguagens dos meios de informação e comunicação a serviço de sua prática pedagógica [...]”(SOUSA et al., 2011, p. 26).

Assim, a escola e conseqüente os professores, mesmo que involuntariamente, tiveram que pôr em prática as mudanças pedagógicas que atendessem à necessidade vigente da sociedade; buscando através das tecnologias se aproximar da realidade do aluno, da linguagem e da comunidade a que ele pertence, ainda que esse primeiro contato esteja ocorrendo de forma tímida, afinal durante anos as tecnologias digitais na educação foram um terreno inóspito tanto para os educadores quanto para os educandos.





Diante do pouco acesso aos recursos tecnológicos e o cenário atual da educação, no qual as aulas consistem em um ensino remoto, com uso de plataformas, aulas sincrônicas, chats, aparelhos tecnológicos disponíveis na internet, ocasionou-se uma nova variável para a educação. Segundo a Pesquisa da CETIC Domicílio, realizada em 2019, mais de 25% das casas não possuem acesso à internet, no geral as mais pobres. Outros dados apontados pela Organização Internacional do Trabalho revelam que 65% dos(as) jovens em países de alta renda puderam assistir às aulas através de videoconferência, enquanto em países de baixa renda a proporção de jovens que puderam prosseguir seus estudos on-line foi de apenas 18%. É notória a necessidade do sistema educacional se atualizar de acordo com as exigências da geração digital, no entanto é preciso ter condições favoráveis para que não se gere uma educação excludente.

Dito isso, é irrefutável afirmar que a crise ocasionada pelo Coronavírus pôs em evidência problemas como a desigualdade social, pouco retratado, tanto pela escola como pelas autoridades governamentais. Além disso, promoveu paralelamente um novo olhar para a educação contemporânea, visando integrar as tecnologias como mediadoras do ensino, com isso assegurando que é possível uma aprendizagem que não se restringe aos muros da escola e que os alunos, ao se apropriarem dos recursos tecnológicos disponíveis, estariam contribuindo para sua formação como agentes ativos de seu aprendizado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

É de suma importância que a escola e os docentes procurem adaptar ao que tem mostrado o novo cenário, entender que as tecnologias digitais são, ao mesmo tempo, instrumentos técnicos de ensino físico e simbólico, atuando como mediadoras. Pois para Vygotsky, a mediação pode ocorrer por meio de um instrumento/ferramenta material, um signo/ferramenta psicológica, ou seres humanos, já que não atribuiu “uma definição única, unificada” à mediação, como ressalta (WERTSCH, 1991): “a mediação é uma intervenção de um elemento intermediário em uma determinada relação, de modo que essa relação não é direta, mas mediada por um terceiro elemento.

Diante disso, podemos dizer que o professor não é o único mediador, dominante de todo o saber e se faz necessário o uso de ferramentas para o ensino. Assim o professor é um agente ativo que também utiliza mediação na realização de atividades práticas, logo:



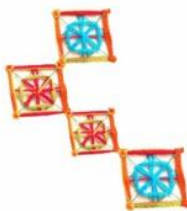
“Torna-se cada vez mais necessário que a escola se aproprie dos recursos tecnológicos, dinamizando o processo de aprendizagem. Como a educação e a comunicação são indissociáveis, o professor pode utilizar-se de um aparato tecnológico na escola visando à transformação da informação em conhecimento” (SOUSA, Robson Pequeno, et al., p. 25).

Portanto, como instrumentos e signos mediadores, as tecnologias digitais resultam das práticas sociais construídas historicamente. Freitas (2009) observa que é o resultado do esforço do homem que, ao interferir na realidade em que vive, construiu os objetos culturais, que são, ao mesmo tempo, instrumentos simbólicos/signos e instrumentos materiais. Desse modo, Peixoto (2011) compreende a mediação como conceito fundado na teoria histórico-cultural, considerando, por sua vez, a educação e a tecnologia do ponto de vista da cultura. Nessa perspectiva a aprendizagem por meio da mediação dos instrumentos culturais, sejam eles simbólicos ou concretos, com a ajuda de um adulto, tem um papel de destaque no processo de aprendizagem.

Para Freitas (2009), enquanto instrumentos culturais de ensino e aprendizagem, as tecnologias digitais podem servir como importantes objetos e signos pedagógicos-didáticos para os professores. Ao discorrer sobre o papel mediador empreendido pelas tecnologias, a autora ressalta que “[...] é a mediação humana em seu contexto de utilização que os transforma como meios de ensino e instrumentos de aprendizagem.”

Toschi (2010) acredita que a mediação do professor e das tecnologias, sejam elas nas aulas presenciais, semi ou a distância, possibilitam uma melhor comunicação porque “[...] o computador, como meio de acesso aos conteúdos, altera estes conteúdos e se torna mediação no processo de aprender [...]. Assim, aos professores cabem tarefas mais complexas da transmissão dos saberes. compete-lhes mediar neste espaço de mediação complexa” (TOSCHI, 2010, p. 177).

Lévy (1993) salienta que a mediação no tocante às tecnologias digitais ocorre entre os sujeitos e não entre os meios tecnológicos. Portanto as tecnologias podem e devem ser utilizadas no ambiente escolar como instrumentos de mediação da aprendizagem dos alunos que já as utilizam fora do ambiente escolar e, conseqüentemente, inserindo os que ainda não possui acesso às tecnologias digitais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a concepção de que cabe ao professor mediar o “saber” que tem sido acumulado historicamente pela sociedade com as vivências do aluno, possibilitando-lhe assim uma aprendizagem crítica para sua atuação como sujeito na sociedade.

A ação pedagógica no processo de ensino constitui-se, basicamente, na “prática social”, de modo que cabe ao educador mediar o ensino a partir da relação entre o conhecimento prévio do aluno enquanto ser social e o conhecimento potencial necessário para sua participação na sociedade, proporcionando, assim, ao educando a capacidade de reelaborar o conhecimento e de expressar uma compreensão da prática dos mesmos.

Diante disso, na relação de ensino estabelecida na sala de aula, o professor precisa ter o entendimento de que ensinar não é simplesmente transferir conhecimento, mas, ao contrário, é possibilitar ao aluno momentos de reorganização do saber, permitindo acesso crítico a esses saberes e contribuindo para sua atuação como ser ativo e crítico no processo histórico-cultural da sociedade. Consideramos esse o verdadeiro papel do professor mediador. Assim como também julgamos ser extremamente importante que aja mais pesquisas e estudos acerca do processo de ensino a mediação do professor e o uso das tecnologias como ferramentas.

## REFERÊNCIAS

CETIC.BR. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - **TIC Domicílios** 2019.

<<https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2019/domicilios/A4/>> Acessado em: 15/08/2020

Diaz, Félix. **O processo de aprendizagem e seus transtornos**. Salvador: EDUFBAR, 2011.

FANTIN, M. **Alfabetização Midiática na Escola**. VII Seminário Mídia, educação e Leitura. 10 a 13 de julho. Campinas, SP, 2007.

FONTANA, R. e CRUZ, N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. 1. ed. São Paulo: Atual, 1997.

FREITAS, M. T. A. (2009). **Computador/Internet como instrumentos de aprendizagem: uma reflexão a partir da abordagem psicológica histórico-cultural**.



Em 2º Simpósio de Hipertexto e Tecnologias na Educação: Multimodalidade e Ensino (Org.), Anais Eletrônicos. Recife, PE: UFPE

KRAMER, S. Melhoria da qualidade do ensino: **o desafio da formação de professores**. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, n.165, p.189-207, 1989.

IVIC, Ivan; COELHO, Edgar Pereira (Org.). **Lev Semionovich Vygotsky**. Tradução de José Eustáquio Romão. Recife: Editora Massangana, 2010 (Coleção Educadores).

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2.ed.-São Paulo: Cortez, 2013.

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: **o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993

PINO, A. (Org.). Editorial. Educação e Sociedade, Campinas, v. 21, n. 71, p. 7- 17, jul. 2000.

SOUZA. R. P. Filomena et. al. **Tecnologias digitais na educação**. Campina grande: EDUEPB, 2011.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

WERTSCH, J. V. Voices of mind: **A sociocultural approach to mediated action**. Cambridge: Harvard University Press, 1991.